

# > Um teto para a crítica genética: a teoria e o pesquisador da gênese

> A room for genetic criticism: the genesis' theory and researcher

por **Luana Maria Andretta**

Mestra em Produção e Recepção do Texto Literário, pelo Programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade de Passo Fundo (UPF/RS). ORCID: 0000-0003-3816-7909. E-mail: luanaandretta15@hotmail.com.

## **Resumo**

O estudo de manuscritos literários pode se revelar como um terreno fecundo para a compreensão de movimentos criativos, a observação de hábitos redacionais e a reatualização de uma obra. Contudo, a crítica genética, ciência que embasa tal trabalho, vem disputando um espaço dentro do campo literário desde seu surgimento. A partir dessas considerações, o objetivo deste artigo é identificar os motivos que geram a marginalização da crítica genética e as perspectivas apresentadas por essa jovem ciência para a contemporaneidade. Para tanto, por meio de um levantamento bibliográfico, foram elencados e discutidos os três motivos que geram tal marginalidade, bem como as possíveis contribuições dos processos genéticos para diversas áreas do saber e perante o avanço tecnológico.

**Palavras-chave:** Manuscritos literários. Crítica Genética. Marginalidade. Perspectivas.

## **Abstract**

The study of literary manuscripts can reveal itself as a fruitful terrain for understanding creative movements, observing writing habits, and re-updating a work. However, genetic criticism, the science that has been responsible for such work, has been contesting a space within the literary field since its inception. Based on these considerations, the objective of this article is to identify the reasons that lead to the marginalization of genetic criticism and the perspectives presented by this young science to contemporaneity. In order to do so, starting from a bibliographical survey, the three reasons that generated such marginality were listed and discussed, as well as the possible contributions of the genetic processes to different areas of knowledge and in the presence of technological advances.

**Keywords:** Literary manuscripts. Genetic criticism. Marginality. Perspectives.

> Artigo recebido em 18.12.2019 e aceito em 19.02.2020

## 1. Introdução

Interessada em investigar os processos criativos em manuscritos – mas não apenas neles –, a crítica genética surge, no final do século XX, como uma proposta inovadora no campo da crítica literária. Desestabilizando a tradição e redefinindo conceitos como texto e literatura, essa ciência, devido a certas críticas e descréditos, levou anos para se posicionar de forma oficial dentro dos estudos literários.

A crítica genética abrange todos os campos da produção humana artística e científica. Na literatura, dedica-se ao exame do movimento criador em rascunhos e manuscritos, também denominados documentos de processo pela vertente genética. Assim, é nessa incansável busca para reconstituir a criação de uma obra que surge essa nova crítica, que é uma possibilidade de redescobrir um texto a partir de esboços e redações anteriores que suportam sua forma supostamente definitiva.

Mesmo sendo diretamente responsável por trazer novos ares às análises literárias e promover o início do desenvolvimento de acervos literários após a valorização do autor e do manuscrito, a crítica da gênese ainda é vista com receio por certas áreas do conhecimento. Vivendo na marginalidade, ela procura por um teto para si desde seu nascedouro.

Partindo dessas premissas, com base em um levantamento bibliográfico, o objetivo do presente artigo é o de identificar as três grandes razões que geram tal marginalidade, apontadas brevemente por Willermart<sup>1</sup>, e as perspectivas para

---

<sup>1</sup> Philippe Willemart, “Crítica genética e marginalidade”, 2005.

essa teoria de estudo na contemporaneidade, especialmente frente às tecnologias e à ampliação do campo de exploração da crítica genética para além da literatura. Para tanto, este artigo está dividido em duas partes: a primeira apresenta e discute, brevemente e com olhar histórico, os motivos da marginalidade da ciência e do pesquisador da gênese, com foco nos estudos de Willemart<sup>2</sup>, Hay<sup>3</sup> e Lebrave<sup>4</sup>; e a segunda, que expõe alguns dentre os inúmeros possíveis horizontes de análise dessa ciência diante das transformações histórico-sociais, tendo como principais bússolas teóricas Silva<sup>5</sup>, Biasi<sup>6</sup> e Salles e Cardoso<sup>7</sup>.

## 2. Crítica genética e história: raízes da marginalidade

Virginia Woolf, no início do século XX, observava com bastante atenção a marginalidade imposta à produção ficcional feminina e suas representações por parte de escritores homens, os quais reproduziam estereótipos consolidados. A teórica estava ciente de que as mulheres não possuíam um espaço de expressão artística relevante por conta de diversificados fatores sociais e culturais. Entretanto, um dos mais significativos foi o fato da autora atribuir ao sexo feminino, e seu insucesso na literatura, a falta de um teto.<sup>8</sup>

---

<sup>2</sup> Philippe Willemart, Op. cit., 2005; Philippe Willemart, Os processos de criação na escritura, na arte e na psicanálise, 2009.

<sup>3</sup> Louis Hay, “A literatura sai dos arquivos”, 2003; Louis Hay, *A literatura dos escritores: questões de crítica genética*, 2007.

<sup>4</sup> Jean-Louis Lebrave, “O manuscrito será o futuro do texto”, 2003.

<sup>5</sup> Márcia Ivana de Lima e Silva, “Crítica genética na era digital: o processo continua”, 2010.

<sup>6</sup> Pierre-Marc de Biasi, “Entrevista com Pierre-Marc de Biasi”, 2012.

<sup>7</sup> Cecilia Almeida Salles e Daniel Ribeiro Cardoso, “Crítica genética em expansão”, 2007.

<sup>8</sup> Virginia Woolf, *Um teto todo seu*, 2014.

Em outras palavras, Woolf afirmava que as mulheres não produziam literatura por serem consideradas pobres: pobres financeiramente (já que o dinheiro era sempre controlado pela figura masculina), o que não permitia avanços na arte, e pobres intelectualmente, visto que a elas era, na maioria das vezes, negado o acesso à educação e inexistia o incentivo à cultura.

As pesquisas da autora propuseram valiosas reflexões para a época, bem como reverberaram nos anos seguintes. Woolf estava correta ao afirmar que as complicadas relações entre mulheres e ficção não se esgotariam tão cedo. Quase cem anos depois de trazer suas reflexões feministas à tona, a representação e a literatura de autoria feminina ainda encontram percalços na produção artística, e a marginalidade imposta às escritoras se expõe de diferentes formas.

Com a crítica genética, o quadro de marginalidade se repete, mas com novos contextos e contornos. Willemart é quem observa, no segundo capítulo de seu livro *Crítica Genética e Psicanálise*, o (não) espaço reservado às teorias da gênese no campo literário. Segundo o autor, tal teoria, que busca nos manuscritos a compreensão do gesto criativo, é marginal por três motivos: primeiro, pela dificuldade da crítica genética se impor enquanto disciplina ou campo de estudo da crítica literária; segundo, pelo objeto dessa ciência – o manuscrito – ser uma matéria desprezada pela crítica tradicional; terceiro, por muitas vezes a teoria da gênese levar mais em consideração as margens do fólio do que seu conteúdo central propriamente dito.<sup>9</sup>

---

<sup>9</sup> Philippe Willemart, *Op. cit.*, 2005, p. 17-21.

Antes de nos debruçarmos mais sobre esses três vieses, é interessante retomarmos as raízes da crítica genética, as quais remontam à metade do século XX e muito podem explicar sobre as raízes de tal marginalidade.

Situada em um período de crise na crítica literária, em 1960, de agitação social gerada por determinados movimentos estudantis e do desenvolvimento do pós-estruturalismo, a jovem ciência colocava os manuscritos e o escritor no eixo central da pesquisa literária.<sup>10</sup> Resultado de séculos de investigações filológicas e edóticas aliadas a contextos atuais e a novas formas de compreender o fazer artístico, a crítica genética permaneceu com seus estudos congelados por mais alguns anos, pois o cânone teórico dominante no campo da crítica ainda estava conectado a velhos paradigmas, especialmente à historiografia e à biografia do autor como pressuposto da análise do texto, com perspectiva de análise formalista.

Dessa forma, impulsionada pelo avanço dos estudos das ciências humanas, em 1970, a crítica genética lançou raízes que se fixariam com maior profundidade na década de 1980. Essa guinada, entretanto, só foi possível no momento em que os manuscritos “[...] foram colecionados a partir do momento em que o culto ao grande escritor surgiu no imaginário coletivo”.<sup>11</sup> Isso teve início com Victor Hugo, escritor francês que mantinha e catalogava seus rascunhos com intuito de doá-los para pesquisas posteriores.<sup>12</sup> Foi a partir desse momento que os escritores acabaram por salvaguardar suas tentativas de escrita e, muitas vezes, entregá-las a instituições de ensino ou bibliotecas, as quais já

---

<sup>10</sup> Cláudia Amigo Pino e Roberto Zular, *Escrever sobre escrever: uma introdução crítica à crítica genética*, 2007.

<sup>11</sup> Louis Hay, *Op. cit.*, 2003, p. 68.

<sup>12</sup> *Idem*, *A literatura dos escritores: questões de crítica genética*, 2007.

desenvolviam trabalhos sobre processos criativos e demonstravam interesse em reunir arquivos de diversos autores com o interesse de catalogá-los e analisá-los pelo viés da nova ciência que nascia.

Esse foi um dos primeiros passos para a criação e manutenção de acervos literários de escritores. Atualmente, diversos tipos de instituições salvaguardam espólios e promovem pesquisas. Contudo, esse fato só foi possível mediante a revisão de conceitos que a crítica genética propôs um século antes.

Se os estudos da gênese demoraram cerca de trinta anos para se fixar de maneira inicial no campo da crítica, nos parece oportuno dizer que isso se deveu aos debates gerados em torno da jovem ciência. Ela era acusada ora de fechar-se em si mesma, ora de ser modernista, ora de ser passadista (por pesquisadores de renome, como Pierre Bourdieu); ora por subverter o conceito de texto, ora por reificá-lo ao fazer ressurgirem os manuscritos como centro da pesquisa. Na contramão, essa ciência, em seu nascedouro, também “[...] insistiu muito na radicalidade do corte entre produção e produto”<sup>13</sup>.

Mal recebida pela época, a crítica genética foi alvo de diversificadas críticas e vítima de descrédito no que toca à validade de suas pesquisas e interpretações. Porém, os novos ares dados ao fenômeno literário, segundo Hay, derrubam os paradigmas estruturalistas e prometem concepções atualizadas sobre a relação entre crítica textual e crítica literária.<sup>14</sup> Nesse momento, os geneticistas poderiam observar a escritura em seu momento de nascimento, crescimento e (de)formação. Ainda consoante esse último teórico, a crítica

---

<sup>13</sup> Jean-Louis Lebrave, *Op. cit.*, 2003, p. 84.

<sup>14</sup> Louis Hay, *Op. cit.*, 2007.

genética, durante as três últimas décadas do século XX, foi uma das únicas grandes inovações no campo da crítica literária.

Nesse ponto, apontamos o primeiro motivo que gera a marginalidade da crítica genética. Ela e a crítica literária não se opõem no campo da análise do texto, e a existência de uma não suplanta a validade dos trabalhos da outra. Entretanto, as considerações de um crítico genético podem ser vistas com desconfiança pela crítica tradicional, pelo simples fato de o objeto de suas análises ser um amontoado de rasuras e marginálias, avessas à perfeição e limpeza do texto publicado.

De acordo com os estudos de Lebrave,

Tudo na crítica tradicional impressa vai contra o movimento da gênese: a rigidez dos princípios editoriais filológicos, sua fidelidade à noção de variante como desvio com relação a um arquétipo textual, além da linearidade e da sequência imutáveis do impresso, sua fixidez, sua incapacidade em reproduzir a elasticidade e o desdobramento do texto que se busca.<sup>15</sup>

Essa diferença inicial se estende à essência dos objetos analisados por cada crítica. Conforme Willemart, “[...] o crítico literário trabalha com um texto limpo e claro, enquanto o geneticista cava/escava no sujo e no escuro. A forma bem desenhada para o crítico tradicional faz-se muito imprecisa para o geneticista”<sup>16</sup>.

A caoticidade, heterogeneidade e aleatoriedade de um manuscrito parecem impossibilitar a cientificidade das conclusões genéticas. Porém, na verdade, são traços intrínsecos do objeto da análise da gênese. Um manuscrito é

---

<sup>15</sup> Jean-Louis Lebrave, *Op. cit.*, 2003, p. 87-88.

<sup>16</sup> Philippe Willemart, *Op. cit.*, 2005, p. 18.

caótico ao passo que pode estar saturado de rasuras e anotações feitas pelo escritor ao longo do processo de escrita; é heterogêneo no momento em que congrega linguagem verbal, desenhos, símbolos e códigos, muitas vezes entendidos apenas por aquele que escreve; e é condicionado pela aleatoriedade pelo simples fato de que muito do que se apresenta na superfície marginal de um fólio não remete ao texto escrito no centro ou por, justamente, conter um elemento-chave, completamente aleatório, mas significativo, para a interpretação de determinado fenômeno ou passagem do texto.

De fato, não há como negar a singularidade das interpretações que surgirão desse objeto da gênese, as quais seguem um viés particular do pesquisador e podem se configurar por meio de rupturas ou até em um levantamento de semelhanças entre elementos de um fólio ou diferentes documentos de um acervo, em uma visão granular e intertextual dos documentos presentes nesse local.

Nesse sentido, a interpretação de um manuscrito exige uma descentralização de conceitos em dois níveis. O primeiro diz respeito à peculiaridade de linguagens (desenhos, símbolos, marcações) presentes em um rascunho e de formas de leitura (nem sempre da esquerda para a direita) desempenhadas pelo pesquisador. O segundo, consoante Biasi, é a necessidade de dissociar o centro da investigação literária da obra e transportá-la para a interação estabelecida entre manuscrito e geneticista, visto que é justamente por meio da interpretação que o processo de criação é (re)construído.<sup>17</sup> Vale ressaltar, nesse ponto, que o geneticista nunca será capaz de remontar o processo criativo

---

<sup>17</sup> Pierre-Marc de Biasi, *A genética dos textos*, 2010.

de um escritor da exata forma como ele ocorreu, pois os indícios presentes em um acervo, além de serem fragmentários, podem ser falsos. Afinal, muitas vezes, nem mesmo aquele que construiu a obra é capaz de repassar conscientemente todas as etapas e procedimentos que desenvolveu durante a construção de seu texto.

Por isso, “[...] foi preciso aprender a olhar um manuscrito, a decifrar seus sistemas concorrentes de signos, a analisar traços, a identificar tintas [...] a encontrar um momento, a encontrar um sentido, a alcançar a literatura antes dela se tornar texto, obra, domínio público”<sup>18</sup>. Assim, compreender a especificidade das análises genéticas é aceitar que o texto publicado não recusa sua deformidade anterior porque, mesmo depois de publicada, a obra permanece inacabada, esperando a recepção do leitor para suprir suas lacunas. Assim, foi justamente devido a essas particularidades que a teoria genética encontrou dificuldades de se consolidar no campo da crítica.

Além disso, adentrando agora no segundo motivo da marginalidade, encontramos um descaso no que toca ao objeto genético – o manuscrito – que vai além de suas características singulares e complexas. Para Willemart, se

a maior parte dos manuscritos foram rejeitados pelos próprios autores que os consideravam como dejetos: Mario de Andrade, Guimarães Rosa ou Michel Butor queimavam ou jogavam no lixo seus manuscritos uma vez copiados [...] como e por que, nós, críticos, damos-nos o direito de encontrar um outro sentido a estes restos rejeitados como marginais e pouco afáveis?<sup>19</sup>

---

<sup>18</sup> Louis Hay, *Op. cit.*, 2003, p. 73.

<sup>19</sup> Philippe Willemart, *Op. cit.*, 2005, p.19.

Com essa essência marginal descrita e questionada por Willemart, os manuscritos, muitas vezes, se tornam desafios não só de leitura, mas de cientificidade e ética por parte dos geneticistas.<sup>20</sup> Um acervo literário, local onde ocorre a pesquisa sobre a gênese, normalmente é doado ou comprado de herdeiros de um escritor, os quais podem impor regulamentações sobre o trato e, especialmente, publicações dos materiais ali encontrados. Porém, nem sempre sabemos os desejos que sondavam a mente do escritor. Mesmo que permaneçam versões, anotações, esboços e notas, cartas e até listas de supermercados, será mesmo que este autor estaria disposto a ter sua intimidade criacional sondada por um pesquisador e, posteriormente, publicada?

O questionamento permanece, em grande parte das vezes, sem resposta. Permanece a ética do pesquisador no trato com seu material de estudo, no desenvolvimento de suposições e na publicação das interpretações que construiu. Dessa forma, além de “restos”, tais manuscritos podem criar uma nova esfera de marginalidade ao passo que se configuram como documentos pessoais lidos e interpretados por pessoas supostamente não convidadas pelo escritor.

E é justamente o fato de ser nesses documentos que os pesquisadores não convidados podem encontrar, nas margens do fôlio, grandes descobertas que configura o terceiro motivo da marginalidade. Consoante Willemart, “pior que trabalharmos com rascunhos é nos concentrarmos nas margens dos rascunhos”<sup>21</sup>. Se, para o teórico, as margens são o segundo lugar da invenção, as

---

<sup>20</sup> *Ibidem*.

<sup>21</sup> *Ibidem*, p. 20.

marginálias e rasuras dispostas às margens são “[...] o ponto de partida do *scriptor* e assinala[m] um não-dito do texto publicado”<sup>22</sup>.

Talvez, nesse momento, seja relevante definir brevemente o conceito de *scriptor*, também desenvolvido por Willemart.<sup>23</sup> O questionamento central do autor, no que ele mesmo chama de roda de escritura, é sobre qual instância – escritor ou autor – escreve. O teórico citado assevera que quem inicia a escritura não é quem entrega o manuscrito “final” ao editor, pois as duas instâncias – escritor e autor – se opõem tanto no tempo quanto na escrita.

Para ele, cada correção – ou, melhor dizendo, rasura – implica um distanciamento da esfera escritor e uma aproximação à esfera autor porque, ao final, o autor é um fruto da escrita e não seu pai.<sup>24</sup> Contudo, além dessas duas instâncias, mais algumas são importantes para que o jogo da criação se estabeleça. São elas, além das duas citadas: o *scriptor*, o narrador e, conforme adicionado pelo geneticista belga, o primeiro leitor.

Cada uma das cinco instâncias da roda de escritura age por sua vez. Iniciando pelo escritor, o ser humano que sente, observa e é responsável pela formação das ideias, a escritura passa para o papel pelo *scriptor*, uma instância de linguagem, e depois para o narrador, ente responsável por contar a imagem que foi captada pelo escritor e transformada em código pelo *scriptor*. Após escrever a primeira versão, o escritor é o primeiro público de seu próprio texto, ou seja, ele atua como o primeiro leitor da obra. Nesse momento ocorre a rasura. Por fim, tudo aquilo que permanece é confirmado pela instância do autor, a qual só existe

---

<sup>22</sup> *Ibidem*, p. 20.

<sup>23</sup> *Idem*, *Os processos de criação na escritura, na arte e na psicanálise*, 2009.

<sup>24</sup> *Ibidem*.

por causa do processo de escritura que a antecedeu. Por fim, Willemart salienta que a instância autor se constrói paulatinamente, fruto de inúmeras bifurcações, supressões e acréscimos ocorridos durante o processo escritural.<sup>25</sup> E é justamente esse processo de criação que se instaura, também, como um caos à parte.

Retomando as singularidades do processo de interpretação do manuscrito, é interessante notar que mesmo tendo grande foco no estudo pré-textual, o geneticista tem como ponto de partida, em grande parte das vezes, o texto publicado, da mesma forma que o crítico literário. Em outras palavras, “tudo o que descobrirmos no estudo detalhado dos fólhos, de suas margens e de suas em entrelinhas, apenas terá seu sentido à luz do texto publicado”<sup>26</sup>.

Se a crítica genética e seu objeto são, em diversas instâncias, marginais, o pesquisador da gênese não o deixaria de ser também. É marginal pela pesquisa que desempenha (uma pesquisa com materiais e ciência marginais) e da forma como a desempenha: sendo quase um intruso. Além de intruso, o pesquisador genético, impossibilitado de reconstruir inteiramente o processo criado pelo escritor, como já dito, precisa reordenar a heterogeneidade e marginalidade do seu objeto em uma direção plausível. Sob o olhar de Carneiro, “caberá ao observador desses sinais descobrir as ‘regras do jogo’, desamarrar a trama, desfazer os nós e escrever sobre eles, buscando associações que, certamente, poderão esclarecer as relações humanas”<sup>27</sup>.

---

<sup>25</sup> *Ibidem*.

<sup>26</sup> *Idem*, “Crítica genética e marginalidade”, 2005, p. 20.

<sup>27</sup> Maria Luiza Tucci Carneiro, “Arquivos-relicários: múltiplas narrativas para a construção da história e da memória”, 2011, p. 333.

A opinião de Cury se apresenta de maneira semelhante. Conforme ela, “seguindo os rastros produzidos pelo artista no seu processo de criação nas anotações, nos planos e rascunhos, na correspondência, na marginália, nas variantes, nas rasuras, o crítico também deixa seus rastros”.<sup>28</sup> E, assim, não pode ser excluído da pesquisa desenvolvida: manuscrito e pesquisador estão estreitamente relacionados no processo de investigação genética. E isso se repete em Bordini, quando a teórica salienta que, diante das variadas conexões possíveis, é “[...] pela intencionalidade do pesquisador, intersubjetivamente ligando a sua época, e pelos documentos-fonte relacionados à obra-objeto”<sup>29</sup> que a pesquisa se constrói.

E, por meio desses gestos, Pino e Zular salientam que a beleza do manuscrito “[...] então também será construída pelo pesquisador”<sup>30</sup>. É nesse ponto que os autores afirmam que o geneticista se torna sujeito e objeto da pesquisa genética que desenvolve.

Buscando sair da marginalidade que a toma como campo pouco científico e desacreditável, a crítica genética abraça a marginalidade de sua essência. Consoante Willemart, essa ciência é mais rica pelo fato de englobar o parasita – manuscrito – e o texto publicado, mas nenhum dos dois se sobrepõe ao outro.<sup>31</sup> Afinal, os dois são o mesmo produto em fases diferentes, das quais podemos extrair um variado número de novas interpretações. Contudo, isso só ocorre no

---

<sup>28</sup> Maria Zilda Ferreira Cury, “Acervos: gênese de uma nova crítica”, 1995, p. 54.

<sup>29</sup> Maria da Glória Bordini, “Acervos Sulinos: a fonte documental e o conhecimento literário”, 2003, p. 139.

<sup>30</sup> Cláudia Amigo Pino e Roberto Zular, *Op. cit.*, 2007, p. 30.

<sup>31</sup> Philippe Willemart, *Op. cit.*, 2005.

momento em que essa marginalidade dos manuscritos também é considerada produtiva pelo olhar da crítica do texto “pronto”.

### **3. Crítica genética e perspectivas: um teto para a teoria e o pesquisador da gênese**

Hay, como já dito, considerava a crítica genética um dos maiores avanços obtidos na crítica literária do final do século XX, mesmo logo nos primeiros anos de seu desenvolvimento.<sup>32</sup> Com o progresso das diferentes áreas de conhecimento, métodos de análise e catalogação de manuscritos e as novas tecnologias, a tendência nos levava a acreditar na potencialização das conclusões sobre a gênese.

Essa ciência, ao longo dos anos, ia permitindo a contestação de excessos interpretativos da crítica literária, o oferecimento de informações sobre a produção, hábitos e instâncias redacionais, a reatualização de uma obra e o contato mais facilitado entre crítico literário e material genético. Assim, as teorias da gênese poderiam

complicar o problema da obra literária, demonstrar que o texto é muito mais complexo do que a técnica concebe demonstrar. Agregar todos os meios técnicos para dar acesso a algo como uma caverna de Ali Babá que contém muito mais tesouros que o mais inteligente dos críticos possa imaginar.<sup>33</sup>

---

<sup>32</sup> Louis Hay, *Op. cit.*, 2007.

<sup>33</sup> Pierre-Marc de Biasi, *Op. cit.*, 2012, p. 229.

Contudo, mesmo com tais contribuições, um dos vieses da marginalidade se impunha com mais força nos estudos genéticos a cada dia que passava: por serem marginais, “restos”, os manuscritos sofriam com a ação do tempo. Feitos de papel e normalmente únicos, os documentos que carregavam processos criativos podiam se desfazer e sumir por entre as mãos dos geneticistas.

Dessa forma, justamente o elemento mais controverso para os estudos da gênese se colocava como saída para a resolução, ou pelo menos minimização, da fragilidade e “validade” dos manuscritos: a tecnologia. Esta era vista com desconfiança e chamada de intrusa do campo genético por Lebrave.<sup>34</sup> Com o acesso facilitado a computadores e notebooks, os escritores foram migrando dos manuscritos, escritos à mão, para a tela, ferramenta mais funcional. Os erros poderiam ser facilmente corrigidos e, assim, ocultarem-se do texto em desenvolvimento.

Ainda segundo Lebrave, a tecnologia “faz desaparecer a espessura da substância gráfica do manuscrito e só mostra a superfície impessoal e sempre ‘lisa’ dos textos [...] Não há mais rasuras, notas, substituições interlineares”<sup>35</sup>. Em outras palavras, não se poderiam identificar indícios de processo criativo e, por assim dizer, estaria decretada a morte – prematura – da crítica genética. Mesmo com uma visão receosa sobre o futuro dos estudos da criação, Lebrave compreendia que provavelmente novos contornos seriam oferecidos às teorias da gênese, agora no campo tecnológico. Uma “‘filologia eletrônica’ para o século

---

<sup>34</sup> Jean-Louis Lebrave, *Op. cit.*, 2003.

<sup>35</sup> *Ibidem*, p. 91.

XXI”<sup>36</sup> precisava surgir e reorganizar as formas de análise antes utilizadas no papel.

Soaria ingênuo se disséssemos que o computador não alterou a superfície e o suporte em que o manuscrito se inscreve. Ele exigiu – e ainda exige – um reposicionamento do pesquisador de gênese e uma nova forma de leitura do objeto de análise, mas não parece, como temia Lebrave, enterrar de vez as perspectivas genéticas.<sup>37</sup> Para Silva, a morte da crítica genética não acontecerá por, pelo menos, duas razões: a primeira é que há muitos materiais salvaguardados em acervos, os quais continuam sendo ricas fontes de investigação e interpretação para pesquisadores das mais diversas áreas do conhecimento, bem como um mesmo documento ou dossiê pode ser interpretado por perspectivas e teorias diferenciadas.<sup>38</sup>

A segunda é que, partindo da ideia de que os processos feitos no papel só foram transpostos para o meio digital, os gestos criativos de um escritor “são minuciosamente cronometrados, desde que o autor salve seu trabalho no modo ‘Versões’ da caixa ‘Arquivo’ [...] ou submeta o disco rígido de seu PC a uma busca que revelará todo o processo através dos backups que são feitos automaticamente pelo programa de editor de texto”.<sup>39</sup> Muitas vezes, também, muitos escritores possuem o hábito de imprimir seus arquivos para efetuar as correções no papel impresso, o que se configuraria como um manuscrito usual.

---

<sup>36</sup> *Ibidem*, p. 92.

<sup>37</sup> Jean-Louis Lebrave, *Op. cit.*, 2003.

<sup>38</sup> Márcia Ivana de Lima e Silva, *Op. cit.*, 2010.

<sup>39</sup> *Ibidem*, p. 45.

Com essa visão, ainda segundo a autora citada anteriormente, as tecnologias deixam de ser um pesadelo para geneticistas no que se refere ao processo criativo desenvolvido pelos escritores para se tornarem aliadas, já que possibilitam visualizar o jogo de lógica das modificações efetuadas por aquele que escreve desde a primeira ideia até a última versão. Assim, “o papel se foi, mas o processo ainda está lá. E isso é o que nos importa”<sup>40</sup>.

Quem discute diversas vezes esse tema é Biasi.<sup>41</sup> Em uma entrevista, o teórico é questionado sobre as tendências que se delinearão para a crítica genética na próxima década e responde que vê três grandes campos de exploração para tais estudos: o diálogo da crítica genética com as ciências duras aplicadas; a leitura transdisciplinar fora dos campos literários e textuais e o desenvolvimento de ferramentas numérico-digitais para auxiliar o trabalho genético.

Nesse mesmo contexto, Salles e Cardoso já reforçavam, alguns anos antes, a possibilidade da crítica genética ser aplicada fora dos estudos literários. Consoante os autores,

esse campo de pesquisa deveria quase que necessariamente romper a barreira da literatura e ampliar seus limites para além da palavra, pois processo e registros são independentes da materialidade na qual a obra se manifesta e independentes, também, das linguagens nas quais essas pegadas se apresentam.<sup>42</sup>

---

<sup>40</sup> *Ibidem*, p. 47.

<sup>41</sup> Pierre-Marc de Biasi, *Op. cit.*, 2012.

<sup>42</sup> Cecília Almeida Salles e Daniel Ribeiro Cardoso *Op. cit.*, 2007, p. 44.

Com uma visada mais ampla, nos últimos anos, a crítica genética, dessa forma, poderia atuar em campos das artes plásticas, fotografia, arquitetura, publicidade, jornalismo e tantos outros, já que o foco de análise sempre se encontra nos processos criativos, independentemente do campo do conhecimento em que está inserida.

Os mesmos autores ainda problematizam o conceito de manuscrito, enquanto documento escrito à mão. Segundo eles, diante dos ajustes sofridos ao longo do tempo pelas tecnologias e pela expansão da crítica para outras áreas do saber, as teorias da gênese pareciam não expor com precisão seu objeto de estudo ao utilizar o termo manuscrito. Para tanto, surge a denominação documento de processo. Mais geral que o termo anterior, ela permitia maior amplitude de ação.<sup>43</sup>

Independentemente da nomenclatura utilizada, o horizonte da crítica genética parece bem menos receoso do que Lebrave postulava.<sup>44</sup> As tecnologias, os novos campos do saber e a crítica genética avançam para o futuro. Porém, a questão da marginalidade da essência dos rascunhos, ou seja, sua fragilidade, ainda precisava ser resolvida. Dessa forma, já muito mais acostumados com computadores, scanners e fotocopiadoras, os acervos literários, onde se encontram os manuscritos, aos poucos foram/vão se digitalizando. A possibilidade de salvaguardar digitalmente notas, esboços, versões, entre outros elementos, ofereceu à investigação genética mais uma possibilidade de avanço.

Os manuscritos não só estavam protegidos da ação do tempo, mas, agora, poderiam fazer parte de bancos de dados, de softwares ou programas

---

<sup>43</sup> *Ibidem.*

<sup>44</sup> Jean-Louis Lebrave, *Op. cit.*, 2003.

desenvolvidos pelos grupos de pesquisa com vieses de investigação particulares. Ademais, possivelmente podem/poderiam ser acessados pela comunidade em geral, não apenas a acadêmica, visto que se configuram como elementos patrimoniais histórico-culturais.

Diante dos pontos apresentados, a “filologia eletrônica” de Lebrave parece estar tomando forma e ampliando seus campos de análise.<sup>45</sup> A crítica genética permite não só a investigação literária, mas uma investigação em todos os campos da ação humana – o que parece bastante promissor aos olhos de Biasi.<sup>46</sup> Ademais, com olhar multidisciplinar, a crítica genética se associa a teorias de diversas áreas do saber, como a sociologia, a história e a psicologia, por exemplo.

Conforme Salles e Cardoso, “cada investigador direciona sua pesquisa para metas mais específicas, de acordo com o que seu material fornece, isto é, as especificidades dos documentos com os quais ele está trabalhando e, também, de acordo com as explicações por ele buscadas”<sup>47</sup> mediante a teoria de análise escolhida. Essa abertura dada pela crítica genética pode expandir o conhecimento que se tem sobre o objeto estudado, já que o mesmo objeto pode ser investigado por diferentes ângulos e com variadas perspectivas teóricas.

Dessa forma, compreendemos que o avanço das tecnologias ou a evolução das teorias de análise não decretam o fim dos estudos dos manuscritos: os campos de atuação dessa ciência são vastos e (quase) inesgotáveis. Hay estava correto ao afirmar que a crítica genética permitiu que a literatura saísse dos

---

<sup>45</sup> *Ibidem.*

<sup>46</sup> Pierre-Marc de Biasi, *Op. cit.*, 2012.

<sup>47</sup> Cecilia Almeida Salles e Daniel Ribeiro Cardoso, *Op. cit.*, 2007, p. 45-46.

arquivos, mas não só a literatura sairá deles a partir de agora.<sup>48</sup> Com o passar dos anos, a crítica genética pode abrir novas portas para a compreensão de diversas práticas culturais de uma determinada época.

#### 4. Conclusão

Dificuldade de imposição científica em seu primeiro campo de atuação, singularidade de um objeto de análise pouco visado pela crítica tradicional e, muitas vezes, foco nas margens do fólio, não no conteúdo em si do texto, são os três grandes motivos que geraram a marginalidade das teorias sobre a gênese. Compreender que certa marginalidade é a própria essência desse viés investigativo é deslocar o olhar de conceitos estanques que margeiam o estudo do texto literário para novas formas de entender tal fenômeno artístico e cultural e analisar a produção literária.

Dentro da crítica do texto publicado, a crítica genética não tem a pretensão de usurpar ou substituir outras formas de análise: crítica genética e crítica literária podem se complementar – ou devem? Porém, esse trabalho só passa a acontecer no momento em que ranços entre campos do conhecimento e noções encravadas na tradição literária são revistos, já que a crítica da gênese descentraliza e reconstrói conceitos, especialmente sobre texto, literatura, cientificidade e papel do pesquisador.

Essa descentralização e revisão não são negativas, mas, sim, formas de conseguir observar e interpretar um mesmo objeto de uma forma diferenciada e poder retirar dele concepções nunca antes pensadas. Trabalhar, dessa forma, com

---

<sup>48</sup> Louis Hay, *Op. cit.*, 2003.

manuscritos, em um acervo literário, é estar aberto à oscilação natural de conceitos, teorias e modos de investigação. Essa é a frágil e bela essência da crítica genética.

Assim, com os avanços da tecnologia e a associação com outras teorias, os horizontes da teoria da gênese e da função do geneticista vêm se ampliando ao longo dos anos. Trabalhando com os (ricos) materiais tradicionais de um acervo, lançando novos olhares sobre o manuscrito digital ou explorando o mundo fora da própria literatura: nas ciências exatas, nas outras artes, no jornalismo, na dança ou na publicidade, as teorias da gênese parecem não ter seu fim decretado para tão cedo.

Em outra perspectiva, mesmo sendo relativamente jovem, a crítica genética atingiu patamares de investigação e produção bastante abrangentes. Nesse contexto, podemos citar as análises desenvolvidas no Acervo Literário Érico Veríssimo desde 1982 e em outros acervos que se utilizam dessa ciência. É interessante ressaltar que pesquisas com base na crítica genética, além daquelas desenvolvidas sobre textos literários, estão bastante avançadas.

A crítica genética não apenas conseguiu um teto para si, mesmo depois das críticas e descréditos iniciais, como veio galgando novos tetos em diferentes áreas do conhecimento, com as tecnologias e com as novas abordagens ou atualizações interpretativas aplicadas à literatura.

Perceber que são múltiplos os campos de atuação dessa ciência traz medo a nós, os geneticistas, mas também traz a certeza de que novas gerações de críticos estão asseguradas. Ou melhor: que tetos para essas novas gerações estão

prontos para receber pesquisadores que acreditam no potencial das conclusões genéticas.

## Referências

BIASI, Pierre-Marc de. *A genética dos textos*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2010.

BIASI, Pierre-Marc de. Entrevista com Pierre-Marc de Biasi. [Entrevista concedida a] Sergio Romanelli e Hanna Betina Götz. *Cadernos de Tradução*, Florianópolis, n. 29, p. 223-238, 2012. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/307751506\\_Entrevista\\_com\\_Pierre-Marc\\_De\\_Biasi](https://www.researchgate.net/publication/307751506_Entrevista_com_Pierre-Marc_De_Biasi). Acesso em 01 jun. 2019.

BORDINI, Maria da Glória. Acervos Sulinos: a fonte documental e o conhecimento literário. In: SOUZA, Maria Eneida de; MIRANDA, Wander Mello (Org.). *Arquivos literários*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003. p. 129-139.

CARNEIRO, Maria Luiza Tucci. Arquivos-relicários: múltiplas narrativas para a construção da história e da memória. In: SOUZA, Eneida Maria de; MIRANDA, Wander Mello (Org.). *Crítica e coleção*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011. p. 327-340.

CURY, Maria Zilda Ferreira. Acervos: gênese de uma nova crítica. In: MIRANDA, Wander Mello (Org.). *A trama do arquivo*. Minas Gerais: Editora UFMG, 1995. p. 53-63.

HAY, Louis. *A literatura dos escritores: questões de crítica genética*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2007.

HAY, Louis. A literatura sai dos arquivos. In: SOUZA, Maria Eneida de; MIRANDA, Wander Mello (Org.). *Arquivos literários*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003. p. 65-81.

LEBRAVE, Jean-Louis. O manuscrito será o futuro do texto. In: SOUZA, Maria Eneida de; MIRANDA, Wander Mello (Org.). *Arquivos literários*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003. p. 83-92.

PINO, Claudia Amigo; ZULAR, Roberto. *Escrever sobre escrever: uma introdução crítica à crítica genética*. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

SALLES, Cecilia Almeida; CARDOSO, Daniel Ribeiro. Crítica genética em expansão. *Ciência e Cultura*, São Paulo, v. 59, n. 1, p. 44-47, mar.

2007. Disponível em:

[http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0009-67252007000100019&lng=en&nrm=iso](http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0009-67252007000100019&lng=en&nrm=iso). Acesso em 02 jun. 2019.

SILVA, Márcia Ivana de Lima e. Crítica genética na era digital: o processo continua. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v. 45, n. 4, p. 43-47, out./dez. 2010.

Disponível em:

<https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/169752/000777094.pdf?sequence=1>. Acesso em: 01 jun. 2019.

WILLEMART, Philippe. Crítica genética e marginalidade. In: WILLERMART, Philippe. *Crítica genética e psicanálise*. São Paulo: Perspectiva; Brasília, DF: CAPES, 2005. p. 17-21.

WILLEMART, Philippe. *Os processos de criação na escritura, na arte e na psicanálise*. São Paulo: Perspectiva, 2009.

WOOLF, Virginia. *Um teto todo seu*. São Paulo: Tordesilhas, 2014.

**Referência para citação deste artigo**

ANDRETTA, Luana Maria. Um teto para a crítica genética: a teoria e o pesquisador da gênese. **Revista PHILIA | Filosofia, Literatura & Arte**, Porto Alegre, volume 2, número 1, p. 341 – 364, junho de 2020.